

Zilda Martins e Marcello Gabbay
[organizadores]

Muniz Sodré

uma escola disruptiva





Mauad X


Copyright ©

Zilda Martins, Marcello Gabbay et alii, 2022

Direitos desta edição reservados à
MAUAD Editora Ltda.
Rua Joaquim Silva, 98, 5º andar
Lapa — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20241-110
Tel. : (21) 3479. 7422 - 97675-1026
www.mauad.com.br

 FACEBOOK.COM/EDITORAMAUADX

 @EDITORAMAUADX

 @MAUADXEDITORA


 (21) 97675-1026

Foto da Capa:

Raquel Paiva

Projeto Gráfico:

Núcleo de Arte/Mauad Editora

Revisão:

Jorge Moutinho Lima

Agradecimento ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PPGCOM-UFRJ, pelo apoio recebido.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M936

Muniz Sodré : uma escola disruptiva / organização Zilda Martins, Marcello Gabbay. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Mauad X, 2022.

348 p. ; 15, 5 x 23, 0 cm.

Inclui bibliografia e índice

ISBN 9786553770553

1. Sodré, Muniz, 1942-. 2. Sociólogos - Brasil - Biografia. I. Martins, Zilda.
II. Gabbay, Marcello.

22-80621

CDD: 301.092

CDU: 929:316

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

PREFÁCIO
APRESENTAÇÃO

SUDESTE

1 - Murilo

Marcio T

2 - Retorno

Mohamm

3 - Murilo

Eduardo

4 - Um

Anelise F

5 - Eu e

Renata S

6 - O in

Dênis de

7 - A vi

Emmanu

SUL

8 - Fato

Juremir A

9 - Traj

Antônio

CENTRO

10 - En

Ana Car

11 - Br

Venício A

NORDESTE

12 - M

Antonio

13 - M

notas p

Naomar

NORTE

14 - Os

Otaclio

15 - O

Entrevist

Entre Muniz e Picasso: o espetáculo da incivilidade

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer e Simone Tuzzo

Este capítulo é escrito à luz dos ensinamentos contidos na vasta obra de Muniz Sodré. Ao longo dos anos, percebemos o quanto de nossas atividades científicas e acadêmicas encontram respaldo naquilo que o professor, escritor, filósofo, pesquisador Muniz Sodré produz e o quanto, ao analisarmos os produtos midiáticos e a comunicação de forma mais alargada, encontramos as falas de Muniz Sodré.

Nas estratégias sensíveis, do grotesco à narração dos fatos de uma sociedade incivil, percebemos a genialidade de reflexão de Muniz Sodré.

Assim, optamos por escrever um capítulo que reflete sobre o cotidiano, o que ocorre na mídia no momento histórico-social que esta obra de homenagem a Muniz apresenta. Esta é nossa forma de agradecer pelos ensinamentos e demonstrar que tudo aquilo que Muniz Sodré escreve está vivo e é parte de nosso cotidiano.

Os três episódios destacados nesta pesquisa com base em uma leitura crítica da mídia mostram uma sociedade incivil, com a queima de helicópteros do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama); as fortes chuvas que de maneira cíclica afetam o país e são espetacularizadas pela TV; e a trágica morte a pauladas de um congolês que procurou o Brasil como refúgio seguro.

A sociedade incivil descrita por Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002) se assemelha, com base nas imagens da TV, ao quadro de Picasso Guernica, que retrata o bombardeio à cidade de Guernica durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e abre espaço para reflexões sobre a tristeza e o pavor, para a negação da própria civilidade e, por extensão, da cidadania.

Aqui também a incivilidade de uma guerra velada nos remete ao grotesco modo de vida e sua narrativa midiática espetacular.

Introdução

O início do ano de 2022 foi significativo para o telejornalismo brasileiro. O período foi marcado por conteúdos impactantes, como as consequências das fortes chuvas que causaram destruição em vários estados; pela aprovação de um orçamento confuso (mas com a destinação de valores milionários para a propaganda eleitoral, em detrimento das poucas verbas destinadas à educação e à pesquisa científica); pela explosão dos casos da variante Ômicron⁷ da Covid-19 e as consequentes grandes filas para testagem ou atendimento aos infectados e as dificuldades criadas pelo governo para a vacinação das crianças; além das férias do presidente em meio aos caos social e seus conflitos com o Superior Tribunal de Justiça (STJ). Isso para citar somente os mais pautados pelas mídias.

Ainda que a cobertura telejornalística desses fatos tenha observado os critérios já instituídos pelas redes de televisão no Brasil, o material produzido pela Rede Globo de Televisão e sua coirmã no sistema de televisão codificada – a GloboNews –⁸ foi paradigmático em diversos aspectos, em especial pelo uso estratégico das imagens, que valorizaram elementos de assimetria e/ou de estranheza, mas também dos efeitos especiais, além de conteúdos colaborativos (capturados tanto por amadores/cidadãos comuns quanto por profissionais ligados a órgãos públicos), declarações de políticos diversos, insinuações e alfinetadas, e a presença de especialistas e comentaristas.

Esse conjunto de conteúdos se destaca pela qualidade das imagens, elemento importante e cuidadosamente trabalhado no telejornalismo da Rede Globo de Televisão, mas também é marcado pela falta de coerência ou até mesmo pela contradição na exposição de duas realidades: a da população de baixa renda, que tradicionalmente é a vítima dos desastres naturais e do descaso governamental, exposta a uma dolorosa e cruel ausência de recursos e da carência de esperança em um futuro diferente (no melhor dos casos, espera-se recuperar o nível anterior de pobreza); em contraposição às posturas assumidas pelos órgãos públicos ou mesmo pelo governo, pelos silenciamentos e ausências, algumas vezes obliterados, outras destacados pelas falas dos comentaristas.

7 Ômicron é uma das cepas da Covid-19, descoberta em 2021.

8 Emissora codificada de propriedade da mesma *holding* que controla a Rede Globo de Televisão.

Analisadas e
quadramentos
(SODRÉ, 2009,
produtores mid
pobreza natural
e da ajuda espo
desprezo pelos
destinados aos
as vítimas de e
marcado pelos c

A reflexão pri
mo da Rede Glo
por assinatura, a
ticos diversos, s
e/ou reforçar re
peculiar, veicula
tagônicas se esb
busca entender c
de pautas e enqu
bem unir elemer
ções contrárias:

Evidentemen
grandes temas t
entrada do Brasi
tico-ideológicos
e teorias conspi
em elementos p
factuais, mas qu
as confusas rela
clusive de espera
Governo.

Trata-se, port
sobre como o te
ca as contradiçõe
“*subjetividade e co*
2021b, p. 334, gr

Busca-se aind
parativa as narrat
mas que são rest

Analisadas de forma comparativa, o conjunto desse material envolve enquadramentos e linguagens que são ao mesmo tempo racionais e sensíveis (SODRÉ, 2009, p. 9), escolhas de pautas, condicionadas pela percepção dos produtores midiáticos dos conflitos diários entre a ganância pelo poder e a pobreza naturalizada nas filas corriqueiras em busca dos serviços do Estado e da ajuda esporádica de voluntários, mas igualmente pela exacerbação do desprezo pelos valores humanos mais básicos, como o roubo de colchões destinados aos moradores de rua (G1 SP, 2022) e o desvio de doações para as vítimas de enchentes, em uma representação telejornalística do Brasil marcado pelos conflitos e contradições.

A reflexão proposta neste estudo pretende apontar como o telejornalismo da Rede Globo de Televisão em sinal aberto e da GloboNews em canal por assinatura, ao ser atravessado por interesses econômicos, sociais e políticos diversos, se apropria de aspectos da estética do grotesco para construir e/ou reforçar representações de mapeamento social e político em si mesmo peculiar, veiculando de forma alternada duas visões, que mesmo sendo antagonônicas se esbarram, com constrangimentos em ambos os lados. A análise busca entender como os produtores do telejornalismo, como selecionadores de pautas e enquadramentos, deixam vaziar a estupefação de quem não sabe bem unir elementos que deveriam ser coesos, mas parecem seguir em direções contrárias: o Governo, o Estado e a Sociedade Brasileira.

Evidentemente, essa relação poderia ser explorada pela cobertura dos grandes temas também presentes nas pautas do início de 2022, como a entrada do Brasil na Organização Mundial do Comércio, nos embates político-ideológicos (que envolvem inclusive a iluminação de filósofos obscuros e teorias conspiratórias mais obscuras ainda), mas optou-se por se deter em elementos pontuais, que inicialmente dizem respeito a aspectos mais factuais, mas que também se imiscuem em cenas do cotidiano e refletem as confusas relações de uma população cada vez mais carente de tudo, inclusive de esperança, com representações do Estado e relatos das ações do Governo.

Trata-se, portanto, de um estudo sobre o telejornalismo, mas também sobre como o telejornalismo brasileiro retrata, compreende e ressignifica as contradições que marcam nossa sociedade, em um contexto no qual *“subjetividade e conhecimento misturam-se afetando o agir compreensivo”* (SODRÉ, 2021b, p. 334, grifo do autor).

Busca-se ainda analisar de forma ao mesmo tempo complementar e comparativa as narrativas sobre diferentes fatos, aparentemente desconectados, mas que são resultantes de abordagens e enquadramentos característicos,

tanto com base nos elementos que determinam a abordagem da cobertura jornalística, dos elementos ressaltados, secundarizados ou mesmo obliterados na cobertura, como também por meio da compreensão da utilização de uma estética que vai além da visualidade, o grotesco, que é um elemento definidor de uma sociedade cuja marca é ser incivil.

A sociedade incivil

Entender a sociedade incivil exige, em princípio, o próprio entendimento do que significa o termo sociedade civil. Sodré, em entrevista cedida em junho de 2021 ao Portal Unisinos, entende que a sociedade civil é organizada ao redor do sistema produtivo e deixa de lado os setores não diretamente produtivos, que são a plebe, o povo pobre, os subalternos, os excluídos. A sociedade incivil desponta a partir da decadência da sociedade civil, na medida em que esta perde os laços fortes com a sociedade política e com a produção, e os partidos e a política – como agregação humana e espaço das lutas de classe – deixam de ser dominantes. A sociedade incivil, portanto, surge a partir do *esvaziamento da representação parlamentar*. Do ponto de vista jurídico, os mecanismos estão formalmente em funcionamento: as eleições ocorrem, governos são eleitos e o espetáculo da democracia continua a ser celebrado, mas o vínculo entre política e sociedade civil fica fragilizado (SODRÉ, 2021a).

Com um olhar sobre a comunicação e seus processos, Sodré e Paiva especificam como sociedade incivil

O ordenamento humano regido globalmente por tecnologias da comunicação, solidárias à transformação no modo de acumulação do capital, à desestabilização das formas clássicas de representação do mundo, mas também ambigualmente atravessadas pela incitação generalizada à reinvenção institucional. (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 4)

Dessa forma, sua emergência diz respeito ao crescimento das tecnologias da comunicação, assim como à globalização, vista por Sodré (refletindo sobre conceitos de BAUDRILLARD, 2004) como

o teatro da decomposição da moderna cultura ocidental, entregue à extrapolção violenta de si mesma sobre o resto do mundo, mas vulnerável ao paradoxo de seus valores universais, que carregariam ao mesmo tempo a sua afirmação e a sua denegação. (SODRÉ, 2016, p. 24)

Essa relação inclui a imposição da receita perversa de neoliberalismo que, longe de perceber os desvios do liberalismo, induz a sua radicalização

a um modelo que rejeita a política violência do capitalismo concorrer (2021a).

Portanto, o neoliberalismo é o “ca” Baudrillard gostava de usar a palavra” e “sceno” é de “cena”, ou seja, te sem mediações sociais necess (2021a, grifos do autor)

Especificamente no Brasil, esse chegada de Paulo Guedes ao Minis de que os auxílios monetários dest pobres que não gostam de trabalh

A nova formatação econômica neoliberalismo, somada à digitaliz prego formal e à *uberização* do trab aumenta a perspectiva, para o pre mas, da substituição da mão de c sobre as classes históricas.

Esse processo desafia a conce acumulador (SODRÉ, 2021b, p. 2: res mais baixos na pirâmide socia operária ou mesmo como mão de c dos como problema social, impedi duos cujo único valor está na poss A contradição entre o capital e o capital (cada vez mais inacessível) histórica, dando lugar à luta pela s

A sociedade vive uma crescente ce das mídias, percebidas como te neutras (SODRÉ, 2021a, p. 267), bombardeio de um volume gigant informações não são esclarecedor goritmos, cujo alcance é ampliadc vocadamente denominados de inte Sodré (2021a), “não é vacinada c Trata-se de uma montanha de inf muitos casos apoiada em precon aparecimento de bolhas discursiva

a um modelo que rejeita a política do bem-estar social e abre espaço para “a violência do capitalismo concorrencial apoiado no livre mercado” (SODRÉ, 2021a).

Portanto, o neoliberalismo é o “capitalismo obsceno”, no sentido que Jean Baudrillard gostava de usar a palavra obsceno: “ob” em latim é “em frente de” e “sceno” é de “cena”, ou seja, obsceno é algo que nasce na sua frente sem mediações sociais necessárias. A obscenidade é isso. (SODRÉ, 2021a, grifos do autor)

Especificamente no Brasil, esse modelo econômico ganhou força com a chegada de Paulo Guedes ao Ministério da Economia e a visão bolsonarista de que os auxílios monetários destinados à população carente servem “aos pobres que não gostam de trabalhar” (SAKAMOTO, 2021).

A nova formatação econômica e política das agendas estipuladas pelo neoliberalismo, somada à digitalização da economia, à diminuição do emprego formal e à *uberização* do trabalho, como prevê Sodré (2021b, p. 266), aumenta a perspectiva, para o presente imediato e para as décadas próximas, da substitui o da mão de obra viva por robôs e afeta a percep o sobre as classes históricas.

Esse processo desafia a concep o clássica do burguês produtivista e acumulador (SODRÉ, 2021b, p. 255), mas atinge particularmente os setores mais baixos na pirâmide social, que deixam de ser vistos como classe operária ou mesmo como mão de obra de reserva e passam a ser considerados como problema social, impedimento para o desenvolvimento e indivíduos cujo único valor está na possibilidade (massa de manobra?) do voto. A contradi o entre o capital e o trabalho se secundariza na disputa pelo capital (cada vez mais inacessível) ou mesmo na luta por uma sobrevivência histórica, dando lugar   luta pela sobrevivência individual imediata.

A sociedade vive uma crescente incapacidade de compreensão do alcance das m dias, percebidas como tecnologicamente naturais e politicamente neutras (SODRÉ, 2021a, p. 267), ao mesmo tempo que se deslumbra com bombardeio de um volume gigantesco de informa es. No entanto, essas informa es não são esclarecedoras, mas conteúdos selecionados por algoritmos, cujo alcance   ampliado por robôs e outros instrumentos equivocadamente denominados de inteligência artificial, que, como nos lembra Sodré (2021a), “não   vacinada contra a burrice e a estupidez humana”. Trata-se de uma montanha de informa es inúteis e/ou radicalizadas, em muitos casos apoiada em preconceitos e achismos, que proporcionam o aparecimento de bolhas discursivas (cujos exemplos mais evidentes são os

grupos nas redes sociais) nas quais os receptores são progressivamente imbecilizados pela ação do desenvolvimento vertiginoso da tecnologia eletrônica que, sem proporcionar um desenvolvimento social verdadeiro, lhes dá apenas mais do mesmo.

O resultado é a intransitividade, ou a ausência de abertura dialógica e uma incapacidade para o diálogo, que resulta em saber sem sabedoria, na ação sem reflexão (SODRÉ, 2021b, p. 318). Sua consequência é o declínio da ética, do respeito ao outro e o aumento da violência de uma forma ampla (mas também da angústia e de múltiplas formas de alienação mental).

Nesse escopo, a democracia, modelo cuja base está no reconhecimento dos direitos civis e no respeito ao outro (igualdade e dignidade), é tensionada. Uma vez que o sentido de classe fica obliterado, a questão da solidariedade e da coesão social perde parcialmente o sentido e permanece apenas como ação pontual e midiática. Consequentemente, a sociedade incivil torna-se o espaço para a emergência de grupos nacionalistas-extremistas e do fundamentalismo religioso, cuja base é a segregação e o ódio, mas que se juntam no questionamento das mudanças, tanto aquelas ligadas à questão dos costumes quanto aspectos que ameaçam o status de grupos de pressão.

As consequências da sociedade incivil têm se espalhado por diferentes realidades e diferentes contextos, com resultados preocupantes. Particularmente no Brasil, o terreno fértil para a sociedade incivil pode ser pensado também a partir de suas bases históricas: as marcas deixadas por um colonialismo voraz e exploratório, pela exploração brutal da mão de obra escravizada e/ou subalterna, por um modelo de concentração de renda paternalista, misógino e segregacionista, cuja base não foi o respeito ao ser humano ou mesmo a valorização da cultura, e sim o domínio econômico.

Ainda que elementos minoritários devam ser considerados – a presença dos jesuítas e esforços pontuais de alguns governos para a valorização da cultura, por exemplo –, a própria modernização (?) do país se deu de forma desigual, com o favorecimento do Sudeste em detrimento de outras regiões, e pelo crescimento urbano desordenado, que empurrou as massas trabalhadoras para as regiões de risco e até mesmo para a marginalidade, abrindo espaço para tragédias e ações violentas e para um cotidiano caótico representado pelo caos na mobilidade urbana, no acesso à saúde, à educação e a outros direitos básicos, em que a corrupção e a carência parecem ser a única constante.

O Governo contra o Esta

No Brasil contemporâneo, o autoritarismo e do conservadorismo. Em uma definição ampla, Governo executivo, geralmente reconhece o mesmo indivíduo que administra, entanto, permanece em diferentes diante um conjunto de entidades dentro de um país territorialmente (como a Constituição e o conjunto das demandas (necessidades) do

Em termos ideais, cabe ao Congresso Estado, dar o suporte necessário constitucionais e legais nas suas funções, fica nos indivíduos eleitos para o cargo, dido por meio de instituições de prestação e/ou manutenção do

De forma ampla, o neoliberalismo tensiona as relações entre o Estado e os indivíduos. Essas relações são tensionadas tanto que empurra a percepção de que os indivíduos que gozam de privilégios, são vistos como o restante da população

É digno de nota observar que, no comando do Governo, ele direciona as instituições do Estado e/ou o funcionamento como um impedimento. Seguiu-se, portanto, um Governo com políticas econômicas contra adversidades, com cuidado com problemas infra-estruturais relativos à saúde no período de transição, que se processava o desmonte de instituições, sufocadas pela falta de recursos (sem efetivamente se concretizarem)

Ao colocar-se contra o Estado, as distensões internas da chamada sociedade em outros setores, uma vez

O Governo contra o Estado

No Brasil contemporâneo, um dos aspectos da emergência do neoliberalismo e do conservadorismo é o conflito entre o Governo e o Estado. Em uma definição ampla, Governo é a instância máxima de administração executiva, geralmente reconhecida a partir do grupo, partido político ou mesmo indivíduo que administra um Estado ou uma nação. O Estado, no entanto, permanece em diferentes governos, uma vez que se constitui mediante um conjunto de entidades administrativas e burocráticas, que atuam dentro de um país territorialmente delimitado, com elementos determinantes (como a Constituição e o conjunto de leis do país) no sentido de atender às demandas (necessidades) dos cidadãos.

Em termos ideais, cabe ao Governo dar as diretrizes para o Estado; e ao Estado, dar o suporte necessário ao Governo, sem ultrapassar os limites constitucionais e legais nas suas ações. Assim como o Governo se personifica nos indivíduos eleitos para os cargos executivos, o Estado é compreendido por meio de instituições diversas, na maior parte dos casos ligadas à prestação e/ou manutenção dos serviços públicos.

De forma ampla, o neoliberalismo (com a sua proposta de Estado mínimo) tensiona as relações entre Governo e Estado. No Brasil, em particular, essas relações são tensionadas também pela carência dos empregos formais, que empurra a percepção de que os integrantes do *staff* estatal são indivíduos que gozam de privilégios, estão apartados da realidade e dos compromissos com o restante da população, além de serem vetores da corrupção.

É digno de nota observar que durante a campanha eleitoral do candidato Jair Bolsonaro o tema central foi o Governo corrompido. Eleito e no comando do Governo, ele direcionou seus olhares para o Estado, ou para as instituições do Estado e/ou órgãos ligados ao Estado, que, na sua visão, funcionam como um impedimento para cumprimento de suas propostas. Seguiu-se, portanto, um Governo cuja marca foram as mágoas e perseguições econômicas contra adversários políticos (reais e potenciais), pelo pouco cuidado com problemas infraestruturais (e em particular nas questões relativas à saúde no período da pandemia da Covid-19), ao mesmo tempo que se processava o desmonte de parte das instituições públicas consolidadas, sufocadas pela falta de condições de funcionamento, e se alardeava (sem efetivamente se concretizar) a pauta de costumes.

Ao colocar-se contra o Estado, no entanto, o Governo Bolsonaro acirrou as distensões internas da chamada máquina pública e igualmente gerou conflitos em outros setores, uma vez que as sociedades históricas contemporâneas

se auto-organizam com base em um centro de comando-decisão (Estado, Governo), mas também em diversos centros de organização (autoridades estaduais, municipais, empresas, partidos políticos, etc.) e interações espontâneas entre grupos de indivíduos (MORIN, 2005, p. 180) e grupos de pressão.

Ainda sobre a situação brasileira, as recentes movimentações sobre o Fundo Partidário, valores gigantesco aprovados no Congresso Nacional para financiar as eleições de 2022, confirmam que “os partidos ficaram tão obscenos quanto o discurso do neoliberalismo. Além de não representarem coisa nenhuma, ficou obscenamente evidente a luta deles por raspas e restos das verbas do orçamento” (SODRÉ, 2021a).

Consequentemente, os problemas sociais e as contradições da sociedade brasileira, já agravados pelo contexto da pandemia do coronavírus, foram potencializados nas representações do telejornalismo.

Uma proposta de trabalho

A metodologia utilizada neste trabalho envolve uma análise qualitativa com base na leitura crítica da mídia e no olhar crítico/comparativo do material jornalístico efetivamente veiculado nos primeiros meses de 2022, em particular sobre três coberturas jornalísticas que representam de forma exemplar um modelo de telejornalismo que se consolidou a partir do uso estratégico de visualidades. O acompanhamento do material prioriza as matérias jornalísticas que foram efetivamente exibidas nos telejornais veiculados nacionalmente na Rede Globo de Televisão, mas que também tiveram repercussão ou foram exibidos/reexibidos nos conteúdos telejornalísticos da GloboNews. Destaca-se, portanto, que a seleção do material não foi aleatória, e sua análise está contextualizada por observações contínuas do telejornalismo, realizadas pelas pesquisadoras do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia.

Telejornalismo e grotesco

No jargão do jornalismo, *nada é mais velho do que a notícia de ontem*. De fato, desde sua origem como mecanismo de sistema social burguês e capitalista, o jornalismo funciona com base na proposta de relatos diários dos fatos novos e de interesse público. Atravessado pelo compromisso com a verdade ou com fatos verdadeiros, o jornalismo atua como um pretenso elo entre classes, grupos sociais e interesses diversos, por meio da narrativa da contemporaneidade – a ordenação do presente por meio de relatos da realidade.

Mas a necessidade de privilegiar o novo conteúdo do jornalismo uma colagem de vezes é também “caótico, fragmentado e diverso” (SODRÉ, 2016, p. 96). Particularmente no telejornalismo, a presença do novo favorece uma percepção de urgência de grande impacto fazem girar uma realidade e a própria organização social (ordenada e ameaçada e/ou em transformação).

“No Brasil, a televisão massiva conquistou uma representação imaginária (SODRÉ, 2016, p. 25). A estratégia do telejornalismo inclui a busca regular e palpável de efeitos remota a questionamentos ou indignidade mudança ou, pelo menos, a intenção de manter certo nível de interesse do receptor. Uma estratégia ligada à questão da audiência e grande número de receptores, a necessidade de impactar mais o telespectador, na perspectiva torna-se uma regra a ser seguida.

Nessa relação, o uso estratégico do telejornalismo na emissora na representação de uma sociedade política, social, entre outras –, uma constantemente ameaçada pela violência pela eficiência/ineficiência do Estado, pela Governo (cujas falas desastradas desequilibram a inclemência do clima potencializado pela urbana, pelo desrespeito às normas sociais, os interesses políticos das empresas manter seu status como ator social e a mídia com setores do Estado e do Governo.

Especificamente sobre o telejornalismo acrescenta-se que a empresa tem uma atuação, mas esse elemento foi em muitos casos aparente neutralidade. Mais recentemente nacionalmente pela Rede Globo⁹ assumiu uma postura mais evidente, em um discurso que mani-

⁹ Essa postura nem sempre se reflete no telejornalismo, mas nos não é assumida em plenitude em alguns casos.

o, s- â- o. o ial ão m s- de m

Mas a necessidade de privilegiar o novo (ou a aparência de novo) torna o conteúdo do jornalismo uma colagem de relatos e intenções, que muitas vezes é também “caótico, fragmentado e desorientador” (SINGER, 2001, p. 96). Particularmente no telejornalismo, a necessidade de mostrar algo sempre novo favorece uma percepção de urgência, na qual fatos imprevisíveis e de grande impacto fazem girar uma realidade acelerada, em que nada é estável e a própria organização social (ordem pública) está permanentemente ameaçada e/ou em transformação.

ti- do 2, or- do za ais im or- ial ti- de

“No Brasil, a televisão massiva conquistou o seu público popular, explorando uma representação imaginária e rebaixada do povo nacional” (SODRÉ, 2016, p. 25). A estratégia do telejornalismo para conseguir esse efeito inclui a busca regular e palpável de imagens impactantes, cuja estética remeta a questionamentos ou indignação, de forma a potencializar a mudança ou, pelo menos, a intenção da mudança, mas sempre ativando um certo nível de interesse do receptor. Uma vez que sua importância está diretamente ligada à questão da audiência e ao seu potencial de atingir/afetar grande número de receptores, a necessidade de *sensacionalizar* a informação, de impactar mais o telespectador, na perspectiva de que *quanto pior, melhor*, torna-se uma regra a ser seguida.

to, ta, 10- ou es, ei-

Nessa relação, o uso estratégico do grotesco corrobora os interesses da emissora na representação de uma sociedade em múltiplas crises – ecológica, política, social, entre outras –, uma vida em permanente suspense, constantemente ameaçada pela violência da contravenção, mas também pela eficiência/ineficiência do Estado, pelas ações – reais ou potenciais – do Governo (cujas falas desastradas desequilibram a Bolsa de Valores), pela inclemência do clima potencializado pelas ações humanas, pela anarquia urbana, pelo desrespeito às normas sociais. Somam-se aos interesses econômicos os interesses políticos das empresas de comunicação, que buscam manter seu status como ator social e a manutenção de relações proveitosas com setores do Estado e do Governo.

Especificamente sobre o telejornalismo da Rede Globo de Televisão, acrescenta-se que a empresa tem uma atuação política desde sua implantação, mas esse elemento foi em muitos casos obliterado por uma postura de aparente neutralidade. Mais recentemente, porém, os conteúdos veiculados nacionalmente pela Rede Globo⁹ assumiram um posicionamento político mais evidente, em um discurso que manifesta oposição a diferentes aspectos,

⁹ Essa postura nem sempre se reflete no telejornalismo local das emissoras afiliadas, ou pelo menos não é assumida em plenitude em alguns casos.

tos do Governo Bolsonaro (uma possível exceção seria a política neoliberal), e cujo tom de contestação e indignação cresceu durante o período da pandemia da Covid-19 e nas abordagens das relações do Executivo com outros poderes.

Considerando esses aspectos, o material aqui apresentado pretende lançar luzes sobre esse momento específico do telejornalismo, em particular sobre a sua aproximação com a estética do grotesco no tratamento das coberturas factuais. Consequentemente, as relações entre o grotesco, a sociedade incivil e a comunicação são eixos de pensamento deste trabalho que, ao firmar-se nos estudos de Muniz Sodré sobre mídia em sociedade, busca também destacar o *ethos* escatológico da cultura midiática brasileira que ecoa uma relação ainda próxima com a cultura oral, e é fortemente marcado pelas influências escatológicas da tradição popular (SODRÉ, 1973, p. 38).

Pretende-se igualmente compreender como, no telejornalismo, "(...) o grotesco é posto a serviço de um sistema que pretende ser exatamente a compreensão para a angústia do indivíduo dos grandes agrupamentos urbanos" (SODRÉ, 1973, p. 39). Considera-se ainda que as representações do grotesco na televisão se alteram em razão das mudanças na complexidade das relações sociais, mas "desde meados da década de 1990, as aberrações recrudesceram na televisão brasileira" (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 13).

Sodré (1973, 2002) destaca ainda que o grotesco apresentado na televisão – e por extensão no telejornalismo – não é construído como uma oposição à cultura superior ou erudita. Essa premissa "é basicamente falsa, porque o código da cultura de massa é ontologicamente o mesmo da cultura elevada, apenas adaptado para o consumo de todas as classes sociais" (SODRÉ, 1973, p. 16).

Dessa forma, as apropriações imagéticas do grotesco capitalizado pelo telejornalismo não são uma contestação da ordem social ou uma proposta revolucionária de compreensão do cotidiano. Uma vez que o grotesco é o retrato que deturpa, e imitação corrompida e vulgar, essa estética torna-se atraente para uma parcela significativa da população, que a identifica como popular ou realista, e/ou subjetivamente percebe o grotesco como elemento presente nas suas próprias vidas. Trabalhado como um produto, o grotesco no telejornalismo é continuamente renovado em imagens coloridas de absurdos de diferentes tipos, elemento disponibilizado com base em relatos imagéticos e verbais que permitem um nível básico de decodificação imediata. Sob a aparência do *sempre novo* ou repleto de informações novas, o grotesco é reafirmado por apelos estéticos, emocionais e sensacionais que geram curiosidade e indignação, mas também uma espécie de distanciamento emocional do fato.

Ao construir narrativas com jornalismo constrói também a dos relatos do jornalismo é no trabalho no sentido de transformação impactante e/ou imprevisível pelas câmeras.

No telejornalismo, a imagem relato sobre fatos que representando a existência de um real destruições trabalhados como n apontados como elementos por civil –, mas sua constante repet ma-os em retratos de uma socie

Sobre o grotesco no telejorr facilmente detectável no telejor sua propensão ao bizarro e ao v dos limites do civil – a exacerba tar receptores que, por vários m ram a confiança nas instituições presente também – em geral ar menos emocional – em outras r empresas Globo (Rede Globo de

Assim, ao se fazer uma proj que o potencial para o grotesco ampliado, contaminando e refor sileira contemporânea.

Sintomas de uma sociedade

Para exemplificar os elemen Globo de Televisão, foram esco em fatos específicos e documen turas extensas, que extrapolarar dicos e administrativos. Esse m de conteúdos participativos – v segurança ou enviados por telee dos em diferentes telejornais ve Televisão, sendo objeto de anális lismo formalmente ligados à em

Ao construir narrativas com imagens impactantes – grotescas –, o telejornalismo constrói também a sua realidade interna. Uma vez que a base dos relatos do jornalismo é novidade, a imprevisibilidade, o telejornalismo trabalha no sentido de transformar o alto *teor de irrealidade* de uma informação impactante e/ou imprevisível na própria realidade da imagem captada pelas câmeras.

No telejornalismo, a imagem-grotesca está principalmente presente no relato sobre fatos que representam o rompimento da normalidade, reforçando a existência de um real *imprevisível*. Os desastres, a violência e as destruições trabalhados como manifestações grotescas (anormalidades) são apontados como elementos pontuais, contrários à civilização – a sociedade civil –, mas sua constante repetição, e consequente naturalização, transforma-os em retratos de uma sociedade incivil.

Sobre o grotesco no telejornalismo, acrescenta-se ainda que ele é mais facilmente detectável no telejornalismo popular sensacionalista, que com a sua propensão ao bizarro e ao vulgar propõe continuamente o rompimento dos limites do civil – a exacerbação da violência e do drama – para conquistar receptores que, por vários motivos, se sentem marginalizados ou perderam a confiança nas instituições do Estado. Mas o grotesco imagético está presente também – em geral ancorado em um texto verbal pretensamente menos emocional – em outras representações diárias do telejornalismo das empresas Globo (Rede Globo de Televisão e GloboNews).

Assim, ao se fazer uma proposta de análise desse material, entende-se que o potencial para o grotesco presente na notícia é replicado ou mesmo ampliado, contaminando e reforçando uma visão negativa da realidade brasileira contemporânea.

Sintomas de uma sociedade incivil

Para exemplificar os elementos do grotesco no telejornalismo da Rede Globo de Televisão, foram escolhidos três temas/assuntos que, com base em fatos específicos e documentados por imagens, deram origem a coberturas extensas, que extrapolaram o fato com desdobramentos sociais, jurídicos e administrativos. Esse material tem em comum também a inclusão de conteúdos participativos – vídeos capturados por meio de câmeras de segurança ou enviados por telespectadores; e o fato de terem sido abordados em diferentes telejornais veiculados nacionalmente pela Rede Globo de Televisão, sendo objeto de análises/comentários dos profissionais de jornalismo formalmente ligados à emissora GloboNews, ao qual foram também

somados materiais colaborativos e convidados/entrevistados à distância no decorrer dos telejornais.

Sobre o primeiro exemplo desse conjunto, é necessário acrescentar que uma das características do telejornalismo da Rede Globo de Televisão é o apoio das emissoras afiliadas. Assim, não é incomum que o material exibido tenha origem em diferentes emissoras da rede – ainda que isso também reflita diferenças na qualidade do material, como é o caso da primeira matéria analisada, que contém imagens produzidas em Manaus e Goiânia.

Assim, a primeira matéria sobre o atentado contra dois helicópteros do Ibama, exibida no *Jornal Nacional* em 24 de janeiro de 2022, tem como retransmissão *Helicóptero do Ibama é incendiado durante ataque em Manaus* (*Jornal Nacional*, 24/1/2022). As imagens exibidas são capturadas por câmeras de segurança e mostram principalmente o incêndio e os equipamentos destruídos. O texto dá destaque às deficiências de segurança do aeroclube, realçando o muro baixo, mas enquanto levanta a hipótese de vingança, usa imagens de helicópteros em funcionamento e de incêndios de balsas no garimpo, já que os veículos atuavam na repressão do garimpo ilegal. O material se encerra dando o tom das matérias seguintes, com o delegado afirmando que *caso tenha sido vingança, o autor pode estar certo da punição*.

A cobertura prossegue com outras matérias, incluindo a que exhibe os suspeitos carregando o que parece ser galões de gasolina, e outras que acompanham o andamento das apurações – o crescimento do número dos envolvidos (um total de seis) e a identificação de intermediários, inclusive um deles que se identifica nas redes sociais como promotor de eventos, e o mandante do crime, que é apresentado como *empresário* envolvido com garimpos ilegais no território Ianomâmi. O material dá pouco destaque à localização do acusado como mandante, mas apresenta a fotografia de uma pessoa, enquanto a repórter faz uma passagem em frente à sua casa em um condomínio em Goiânia, no qual o destaque são os carros de luxo ao fundo, terminando com imagens de arquivos de 21 aeronaves associadas ao garimpo destruídas por agentes públicos.

O conjunto do material tem uma abordagem de disputa e se constrói com base em insinuações de que apesar de parte do Estado estar em busca dos culpados, também convive com a leniência de outros setores para a questão do garimpo. A própria designação do termo *empresário* para o indivíduo apontado como proprietário do(s) garimpo(s) mostra seu status diferenciado.

O material ainda insinua uma relação de tensão entre o Governo e o Estado, inserida principalmente nos detalhes, como o evidente poder

econômico do mandante, o número de pessoas envolvidas e sua presença quantitativamente impressionante em atividades de garimpo ilegal que comprovam que, apesar de perdas eventuais, a atividade é lucrativa e constante. Aliás, ainda que a descrição da quantidade de veículos apreendidos e queimados, dado apresentado no final da matéria de fechamento, tenha a intenção de mostrar qual lado está *ganhando* a guerra, aponta a força (e a continuidade) dessa atividade, o que em um movimento circular grosseiramente justifica a vingança e a expectativa de impunidade do mandante.

Os comentários críticos da GloboNews apontam os perigos de contaminação, a destruição do meio ambiente, dos povos tradicionais e mesmo dos ribeirinhos de pouco poder aquisitivo, recriminando também o gigantismo da atividade que se consolidou à sombra dos setores encarregados da sua repressão – como sintoma de uma sociedade incivil, que claramente vê nessa atividade trabalho que gera riqueza imediata e coloca em segundo plano os malefícios que traz para a saúde de uma parcela significativa da população.

Dessa forma, a cobertura jornalística do ataque direto aos dois helicópteros do Ibama – órgão do Estado responsável pela repressão dos garimpos na floresta – torna-se indiretamente um propalador da força dessa atividade. A vingança do empresário, ato *incivil per se*, ganha destaque pelo acesso às imagens dos veículos em chamas e principalmente seus restos distorcidos – mas também um conjunto de imagens grotescas recuperadas nos arquivos da emissora de rolos de fumaça em primeiro plano e a floresta ao fundo, a devastação do terreno onde está o garimpo e as máquinas que dão suporte à atividade. No conjunto, o material propaga a incivilidade de uma sociedade que convive com a destruição de seus membros em nome do acesso à riqueza de forma ilegal e insinua que é a leniência do Governo que destrói os equipamentos do Estado (ou o próprio Estado).

A segunda cobertura destacada neste trabalho é a morte violenta do congolês Moïse Kabagambe, que inicialmente foi ao ar no dia 1 de fevereiro de 2022, no *Jornal Nacional* (*Jornal Nacional*, 1 e 2/2/2022), embora o crime tenha acontecido uma semana antes, mas somente ganhou notoriedade com a apresentação do vídeo que acompanha a vítima sendo amarrada e espancada. A matéria destaca o vídeo, material participativo capturado por câmeras de segurança – elemento que é inclusive citado nos depoimentos (um dos acusados pergunta pelo seu funcionamento) –, e a própria reportagem destaca que são cenas fortes, de grande impacto.

De fato, o material é assustador, pois a noticiarista conta o número de pauladas dadas na vítima, mostra o momento em que ele foi amarrado e quando bate as mãos no chão em uma atitude de aparente rendição. Mais

assustadora é a agressividade dos espancadores, o pedaço de pau que passa por diferentes mãos, agressores que se revezam na administração das pauladas mesmo quando a vítima já não reage. O conjunto das imagens é por si só grotesco, o freezer no primeiro plano – com o nome *Tropicália*¹⁰ bastante visível, os cocos ao fundo, o clima de praia em contraste com a agressão. A movimentação também é grotesca, com indivíduos comuns, vestidos para um dia na praia, descalços ou de chilenos, parecendo possuídos pela violência, enquanto outros assistem sem interferir. No final, quando já se tenta uma ressuscitação, surge uma jovem de short, que vê o corpo e conversa com os agressores. Não há pânico, apenas curiosidade.

Entre as declarações protocolares das autoridades, as previsíveis repercussões e as justificativas de que o jovem assassinado estava alcoolizado, a matéria também mostra o vídeo de um dos acusados no qual ele confessa o clima, mas se justifica dizendo que não teve a intenção de matar.

Seu desdobramento aponta os diferentes aspectos de uma sociedade incivil, como a baixa tolerância com a vítima, que foi espancada porque estava *incomodando* com a cobrança de prestação de serviços (também irregulares), pela declaração de um dos que tinham *a consciência limpa* e não pretendia matar, ou por outro coautor que diz que “era para desabafar a raiva” (Jornal Nacional, 1 e 2/2/2022), pelas testemunhas que afirmam terem sido orientadas para *não olhar* e que afirmam ter chamado a Guarda Civil, que achou melhor não se intrometer, dando as costas para a cidadania e também tensionando as relações Governo, Sociedade e Estado.

O material traduz uma sociedade incivil, que se julga no direito de punir quando é *incomodada* (por estrangeiros, por negros e/ou por qualquer um que não veja como igual ou superior), que vê na agressão um direito (pois não tem a intenção de matar); há as testemunhas que aceitam não olhar; e a guarda que não interfere em atos violentos de grupos que considera marginais.¹¹

A cobertura prossegue apontando a *grande repercussão* do caso, inclusive com manifestações de diferentes setores da sociedade civil, e traz à tona o nome de outros imigrantes mortos no Brasil, com o número sempre crescente de mortes em situação diversa de jovens negros; mas também a ocupação irregular dos quiosques situados na orla marítima da Barra da Tijuca,

10 Caetano Veloso, um dos membros do movimento artístico e cultural que levou esse nome, se manifestou lamentando a coincidência.

11 No dia 8/2/2022, a família da vítima fez a denúncia de que o vídeo do espancamento foi editado, e posteriormente confirmou-se que um número maior de pessoas havia participado do espancamento.

local importantes para o trabalho dos trabalhadores de baixa renda; e a apropriação dos espaços.

A morte é amplamente manifestada, a cobertura aponta a indignação correta, a cobertura aponta a vida com ocupações irregulares após a repercussão da agressão que sobretudo nega a perda da cidadania a uma parte da sociedade, porque deixa a sociedade precária.

A terceira cobertura e as análises jornalísticas sobre os efeitos da morte com um olhar espectral sobre a morte de seus ocupantes em uma favela da Zona Metropolitana. O material produzido no dia 31 de janeiro de 2022 mostra uma cobertura mais ampla sobre o vídeo que mostra o exato momento da morte – material local – e o número de vítimas.

A cobertura salienta que as denúncias são constantes, repetidas e anunciadas que isso prova que sabe que, em todos os casos – serão colocadas em risco a vida – ação continuada para impedir a morte.

O local afetado, que é o bamento do morro, sim, transformando-se em um espaço que permanecem precários.

Embora o espaço de risco seja a ideia de que não se trata de alvenaria, cujos tijolos são novos ou recente, enquanto o risco é a explosão *explodiu* nos últimos meses (e da pandemia) e deixou um espaço de risco onde prospera

local importantes para o turismo do Rio de Janeiro, no qual vivem e convivem trabalhadores de baixo poder aquisitivo e moradores de alto poder aquisitivo; e a apropriação de indivíduos ligados às forças policiais desses espaços.

A morte é amplamente comentada pelos jornalistas da GloboNews, que manifestam uma indignação protocolar, mas não surpresa. Aparentemente correta, a cobertura aponta as fragilidades de uma sociedade incivil que convive com ocupações irregulares e desrespeito, que somente gera providência após a repercussão da agressão, que teme a violência sempre próxima, mas que sobretudo nega a proteção à vida e, em consequência, nega também a cidadania a uma parte de seus membros. Ao fazer isso, fragiliza toda a sociedade, porque deixa claro que qualquer um pode ser a próxima vítima.

A terceira cobertura está inserida em um conjunto maior de matérias jornalísticas sobre os efeitos danosos das chuvas no estado de São Paulo, mas com um olhar específico sobre o desabamento de casas e a consequente morte de seus ocupantes na cidade de Franco da Rocha, na Região Metropolitana. O material é apresentado inicialmente no *Jornal Nacional* do dia 31 de janeiro de 2022 (*Jornal Nacional*, 31/1/2022), como parte de uma cobertura mais ampla sobre os efeitos da chuva, com destaque para um vídeo que mostra o exato momento em que o local desaparece na avalanche de água e lama – material participativo enviado por um morador próximo ao local – e o número de vítimas.

A cobertura salienta que as chuvas de verão e os prejuízos que elas trazem são constantes, repetidos todos os anos, e aponta também as tragédias anunciadas que isso provoca. São indicativos de uma sociedade incivil, que sabe que, em todos os verões, pessoas – em geral de menor poder aquisitivo – serão colocadas em risco e/ou terão perdas financeiras, mas não há uma ação continuada para impedir os resultados trágicos, que vão além disso.

O local afetado, que foi o destaque do vídeo com o momento do desabamento do morro, simplesmente deixa de existir nas matérias seguintes, transformando-se em um vazio ladeado por ribanceiras, onde casas ainda permanecem precariamente penduradas.

Embora o espaço demonstre a pobreza da região, as imagens reforçam a ideia de que não se trata de moradias improvisadas, mas de construções em alvenaria, cujos tijolos à vista apontam que sua construção não foi repentina ou recente, enquanto o conteúdo do material destaca que a ocupação da região *explodiu* nos últimos dois anos como consequência da crise econômica (e da pandemia) e deixa claro o número – que beira um milhar – de locais de risco onde prosperam outras moradias.

A presença do Estado, ausente na regulamentação das construções em áreas de risco, envolve bombeiros e cães treinados que procuram vítimas (inicialmente com esperança de resgatar com vida, depois os corpos), mas também voluntários que declaram ter parentes, vizinhos ou temem ser vítimas em novas chuvas. Após os primeiros dias, máquinas de grande porte que cutucam a lama passam a também ser destaque na TV.

Histórias são contadas – famílias que morreram juntas, a grávida que estava prestes a mudar, crianças e adultos que ficaram ou fugiram – e todas apontam a falta de opção de uma sociedade incivil que ao mesmo tempo que atrai mão de obra para as grandes cidades, obriga seus moradores de menor poder aquisitivo a *conviver com o perigo*.

A rotina dessa cobertura, que envolve até mesmo regras que garantem a segurança dos repórteres e normas para entrevistar as vítimas, é sintoma de uma sociedade incivil que já se acostumou a ser assim, que constrói no papel as regras para a segurança dos cidadãos, mas não consegue transformá-las em prática; convive com desastres iminentes e os tolera, os quais todos os anos se revelam em coberturas jornalísticas bem feitas, mas que não motivam a resolução dos problemas.

O espetáculo da morte se revela em *mais uma vítima localizada ou mais um corpo retirado da lama*, mas oblitera os milhares que seguem dependurados nos locais de risco, oprimidos pelo medo do desemprego e das próximas chuvas. Como elemento adicional, acrescenta-se que essas são pautas que se multiplicam em novas coberturas: prisões, manifestações, reuniões e dotações orçamentárias, doações de roupas (usadas, mas ainda novas, para dar lugar a novos consumos) e ação de voluntários, elementos que aumentam a dramaticidade do fato e fidelizam a atenção da audiência.

A barbárie que perpetra o civil (uma conclusão previsível)

O grotesco diz respeito ao escatológico, de mau gosto, a imitação que deforma por apresentar elementos vulgares, desproporcionais, disformes ou apelativos. De variadas formas, as coberturas apresentadas nesta análise destacam que “(...) um grotesco em nada crítico alimenta o espetáculo televisivo, capitalizando a maioria da audiência tanto em circuito aberto quanto em circuito restrito (tevé a cabo)” (SODRÉ, 2016, p. 24). A questão torna-se mais grave na medida em que o trabalho jornalístico envolve a construção de marcos ou atributos e valores que delimitam a importância dos fatos, atribuindo interpretações sobre essa normalidade/anormalidade. Construídos (reconstruídos) imagetivamente, os fatos vão adquirindo dife-

rentes graus de visibilidade que já não se surpreendem.

No material apurado por familiares, na mídia de que a existência de informações que direcionam se constitui uma ameaça latente. Das ações policiais, as manifestações das pessoas negras (às quais não são dadas respostas, e nenhuma delas é considerada válida).

Nessa representação para os elementos da sociedade, o motivo fútil, com o uso do queimado; os discursos e o uso intencional de apelativos. Mas, sabidamente, a falta de cordialidade dos comentários sobra dos equipamentos.

Na justaposição de uma representação grotesca em uma imitação de crime que teria sido cometida pelo Governo e a perda de seus bens e na perda de um lugar para ter onde morar.

O grotesco tanto nos atos do Ibama em relação à fragilidade do órgão quanto no crime; na morte; na ausência de informações para a reconstrução dos casos, o que reduz o resgate, não mais.

Acrescenta-se a própria percepção social – na qual o crime, pela vingança, é considerado, predominando.

rentes graus de visibilidade e importância, fixando-se na memória coletiva, que já não se surpreende com a violência e a negação da cidadania.

No material apresentado, mesmo a indignação, o protesto, a dor dos familiares, na mídia, parece protocolar, editada, repetitiva, e oblitera o fato de que a existência de câmeras de segurança ou a filmagem dos vizinhos que direcionam seu olhar para o morro são também comprovações de uma ameaça latente. Da mesma forma, o posicionamento correto dos órgãos policiais, as manifestações das mesmas entidades que lutam pelas vidas negras (às quais não se nega a importância), a mesma dor, as mesmas respostas, e nenhuma mudança real.

Nessa representação imagética dos fatos, a narrativa direciona sua atenção para os elementos vulgares e desproporcionais: o espancamento por motivo fútil, com pedaços de madeira; os materiais retorcidos do helicóptero queimado; os destaques técnicos (a ampliação de imagens selecionadas e o uso intencional das cenas de arquivo) que reforçam aspectos disformes ou apelativos. Mas também o escatológico: a sujeira e a lama cercam o desabamento, a deformidade das casas penduradas no morro, a imitação da cordialidade dos colegas que seguem juntos no quiosque da praia, o que sobra dos equipamentos queimados.

Na justaposição desses elementos, constrói-se imagetivamente a representação grotesca da civilidade negada, do desrespeito individual e coletivo, em uma imitação de uma vida em sociedade. Mas também é grotesco que seja o crime que traga à tona todo um conjunto de irregularidades – a ausência do Governo e do Estado na fiscalização dos quiosques, o descuido com seus bens e na proteção das vidas daqueles que buscam os locais de risco para ter onde morar e outras pobres justificativas para os fatos.

O grotesco também se espelha nos contrastes, na modéstia dos helicópteros do Ibama enegrecidos e retorcidos pelo fogo – elementos que reforçam a fragilidade do órgão público, em oposição aos carros de luxo do mandante do crime; na morte em casa que desaparece durante o sono de seus moradores; na ausência de chão do morro que desaba e não deixa sequer o espaço para a reconstrução; nas justificativas absurdas para a violência. Em todos os casos, o que resta é o vazio, a morte sem sentido, a perda, tentativa de resgate, não mais da vida, mas apenas da dignidade dos mortos.

Acrescenta-se ainda que a valorização do grotesco na televisão atende a própria percepção de uma sociedade incivil – ou uma imitação bizarra do social – na qual seus valores (sua estética) aparecem corrompidos (pelo crime, pela vingança, pelo desprezo à vida). No conjunto do material analisado, predomina a negação da prevenção, do respeito ao direito coletivo e

individual, sobreposta pelo arremedo da busca posterior de justiça, sempre relativa.

É importante acrescentar que, no caso específico do telejornalismo, os elementos que o delimitam e formatam são também determinantes na necessidade de exposição das mazelas sociais; no entanto, a constante necessidade de conquistar o telespectador pelo apelo ao sensacional desvela a face grotesca da sociedade incivil. De fato, ao fazer isso o telejornalismo alimenta seus aspectos mais negativos, em particular a relação tensionada entre Governo, Estado e Sociedade, cuja solidariedade e confiança se mostram cada vez mais esgarçadas. Dessa forma, a exposição grotesca de uma sociedade incivil no telejornalismo não deve ser vista apenas como consequência: a linguagem televisiva imagética é designativa, mas potencializada por uma técnica formadora ou interventora na consciência humana (antropotécnica), e é também produtora de realidade (SODRÉ, 2012, p. 26).

Representada no telejornalismo em uma estética que envolve apropriação das linguagens cinematográficas e televisivas, o grotesco torna-se espetáculo para consumo do telespectador. Nessa relação, seguindo o aporte teórico apresentado por Sodré e Paiva (2002), o grotesco torna-se a negação da sociedade desejada, a substituição da civilidade pela violência, da solidariedade pela falta de tolerância com o outro, da vingança e da natureza consumida pela degradação humana. Expostos como a negação da própria civilidade, o grotesco torna-se radiografia inquietante do real (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 60), uma espécie de poesia às avessas; o mau gosto em cores vivas e bem enquadradas pontua as más ações, o cotidiano pesadelo da vida tensionada pela violência.

Paralelamente a isso, a qualidade estética das imagens, assim como em *Guernica* (obra do pintor espanhol cubista Pablo Picasso que retrata o bombardeio à cidade de Guernica durante a Guerra Civil Espanhola – 1936-1939), abre espaço para reflexões sobre a tristeza e o pavor, para a negação da própria civilidade e, por extensão, da cidadania.

Dessa forma, o grotesco no telejornalismo da Rede Globo de Televisão – e muito possivelmente do telejornalismo em geral – tensiona a base da civilidade, a relação entre Governo, Sociedade e Estado, mas igualmente relata a permanente coprofagia de uma sociedade incivil que se apraz no consumo daquilo que rejeita.

Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. *Cadernos de L'Herne*, 2004
- G1 SP São Paulo. *Padres de moradores de rua*. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa-veloz/brasil/brasil/noticia/2022/07/22/padres-de-moradores-de-rua-em-sao-paulo-19-anos-de-veloz-1.7111111.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- JORNAL GLOBONEWS. *38 bilhões para fundo eleitoral*. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-globonews/brasil/brasil/noticia/2022/07/22/38-bilhoes-para-fundo-eleitoral-1.7111111.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- JORNAL NACIONAL. *Padres de moradores de rua em Manaus*. 24 jan. 2022. Disponível em: <https://jornal-nacional.com.br/manaus/padres-de-moradores-de-rua-em-manaus-1.7111111.html>. Acesso em: 5 fev. 2022.
- JORNAL NACIONAL. *Condições de trabalho de jogadores de futebol em Manaus*. 31 jan. 2022. Disponível em: <https://jornal-nacional.com.br/manaus/condicoes-de-trabalho-de-jogadores-de-futebol-em-manaus-1.7111111.html>. Acesso em: 5 fev. 2022.
- JORNAL NACIONAL. *Condições de trabalho de jogadores de futebol em Manaus*. 31 jan. 2022. Disponível em: <https://jornal-nacional.com.br/manaus/condicoes-de-trabalho-de-jogadores-de-futebol-em-manaus-1.7111111.html>. Acesso em: 5 fev. 2022.
- JORNAL NACIONAL. *Padres de moradores de rua em Manaus*. 24 jan. 2022. Disponível em: <https://jornal-nacional.com.br/manaus/padres-de-moradores-de-rua-em-manaus-1.7111111.html>. Acesso em: 5 fev. 2022.
- JORNAL NACIONAL. *Padres de moradores de rua em Manaus*. 24 jan. 2022. Disponível em: <https://jornal-nacional.com.br/manaus/padres-de-moradores-de-rua-em-manaus-1.7111111.html>. Acesso em: 5 fev. 2022.
- MORIN, Edgar. *Ciência e Esporte*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- SAKAMOTO, Leonardo. *Como trabalhar em uma empresa*. Curitiba: UOL, 2010. Disponível em: <https://www.uol.com.br/colunas/leor-sakamoto/2010/08/15/sa-familia-porque-culpa-o-emprego-1.7111111.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. *Carnaval et cannibale ou le jeu de l'antagonisme mondial*. Paris: Cahiers de L'Herne, 2004.

G1 SP São Paulo. Padre Julio Lancellotti denuncia retirada de colchões e cobertores de moradores de rua de SP por equipes de zeladoria da Prefeitura. 23 jan. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/01/23/padre-julio-denuncia-retirada-de-colchoes-e-cobertores-de-moradores-de-rua-pela-zeladoria-da-capital-paulista.ghml>>. Acesso em: 9 fev. 2022.

JORNAL GLOBONEWS. Edição das 18. Comissão do Congresso aprova R\$ 3, 8 bilhões para fundo eleitoral. 5 fev. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/comissao-do-congresso-aprova-r-38-bilhoes-para-fundo-eleitoral-8139930.ghml>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

JORNAL NACIONAL. Helicóptero do Ibama é incendiado durante ataque em Manaus. 24 jan. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10237623/>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

JORNAL NACIONAL. Sobe para 24 o número de mortos em SP por causa das chuvas. 31 jan. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10258310/>>. Acesso em: 5 fev. 2022.

JORNAL NACIONAL. Câmeras de segurança registram assassinato de jovem congelês que trabalhava em quiosque no Rio. 1 fev. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10261763/>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

JORNAL NACIONAL. Polícia do Rio prende três homens que espancaram até a morte o congelês Moïse. 2 fev. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10265741/>>. Acesso em: 7 fev. 2022.

JORNAL NACIONAL. PF prende suspeitos de atear fogo a helicópteros do Ibama em Manaus. 3 fev. 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10269513/>>. Acesso em: 9 fev. 2022.

JORNAL NACIONAL. Parentes afirmam a senadores que imagens do assassinato de Moïse foram editadas. 8 fev. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/08/parentes-afirmam-a-senadores-que-imagens-do-assassinato-de-moise-foram-editadas.ghml>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SAKAMOTO, Leonardo. Bolsonaro atacava Bolsa Família por achar que pobre não gosta de trabalhar. Colunista UOL, 30 out. 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2021/10/30/bolsonaro-sente-odio-do-bolsa-familia-porque-culpa-os-pobres-pela-pobreza.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

- SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 115-150.
- SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa no Brasil*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SODRÉ, Muniz. Mídia, espetáculo e grotesco. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 130, Sección Tribuna, Ecuador, Ciespal, p. 17-27, dez. 2015-mar. 2016.
- SODRÉ, Muniz. A obscenidade do capitalismo e dos partidos políticos pariu o neoliberalismo e a plataformização da vida. Entrevista especial para Portal Unisinos, 2021a. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/609935-a-obscenidade-do-capitalismo-e-dos-partidos-politicos-pariu-o-neoliberalismo-e-a-plataformizacao-da-vida-entrevista-especial-com-muniz-sodre>>. Acesso em: 8 fev. 2022
- SODRÉ, Muniz. *A sociedade incivil: mídia, liberalismo e finanças*. Petrópolis: Vozes, 2021b.
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2002.